

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		PORTO—15 DE MARÇO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		N.º 24
	(REINO)			(ESTRANGEIRO)		
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700		Semestre.....	1200	
Anno.....	15400	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Anno.....	25400		

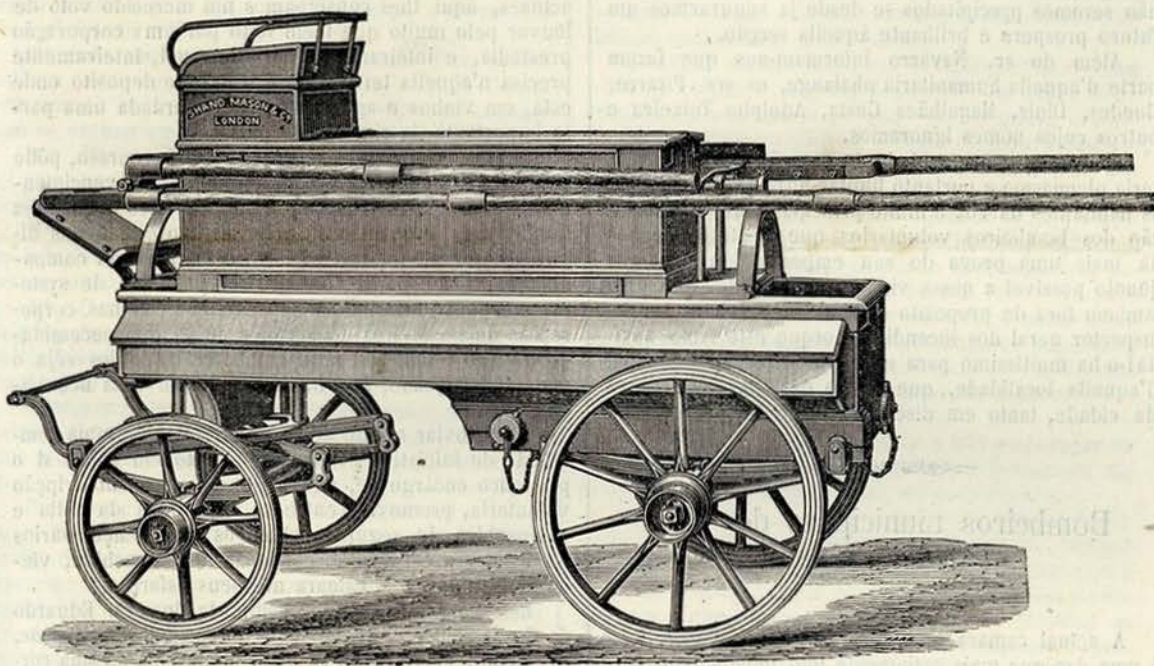
Bomba para incendios no campo

Mais um outro aparelho da casa Shand, Mason & C.^a representa a nossa gravura d'hoje.

Bomba para incendios no campo a denominaram os seus fabricantes e propriamente o fizeram. Com effeito as circumstancias do seu volume e do seu rela-

tivamente pouco peso, juntas á vantagem de poder ser tirada por homens para o que se lhe adapta uma lança, e por um cavallo para o que se lhe adapta os necessarios varaes, tornam esta bomba muito recommendavel aos municipios ruraes que queiram, como tem por stricto dever, cuidar do importante ramo do serviço de incendios.

Abstemo-n'os de maior discripção d'esta bomba porque a nossa gravura claramente deixa vér a sua construcção. Acrescentaremos apenas que manobrada



por 16, 22 e 26 homens tem um rendimento por minuto de 363, 454 e 522 litros projectando simultaneamente a agua a 33, 36 e 37,^m5 d'altura. O aparelho para 16 homens não tem as picotas dobradas como se vé na gravura.

Shand Mason & C.^a constroem tambem umas bombas a que chamam bombas para palacios e que são uma modificação da bomba para o campo. Não tem eixos, assento para o conductor, nem holeia. Semelha-se em muito a uma bomba que possui a companhia de incendios de Villa Nova de Gaya.

Bombeiros voluntarios na Foz

Devido á iniciativa de um dos socios protectores da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto», o sr. Arnaldo de Campos Navarro, vae esta associação collocar em S. João da Foz do Douro uma machina de incendios com todos os petrechos necessarios, e cuja guarnição será composta de cavalleiros d'aquella localidade, que para esse fim se liarão no corpo de bombeiros voluntarios d'esta cidade. Para fazer face ás despezas que esta nova estação

de bomba acarreta, varias pessoas d'ali inscreveram-se como socios protectores e projecta-se para o mez de julho proximo um beneficio no theatro da assembleia da Foz.

Os cavalheiros já inscriptos tem tido já varios exercicios com a escada à *crochets*, bem como com toques de apito, sendo seu director, o sr. Navarro, em quem desde ha muito, predominava a ideia humanitaria da creação d'um corpo de bombeiros voluntarios, chegando até a conferencia largamente em Londres com o maioral dos bombeiros, o notavel capitão Eyre M. Shaw.

Os novos bombeiros mostram já bastante proficiencia nos varios exercicios a que tem sido submettidos, o que nos faz suppor que aquella secção em nada desmerecerá dos bons creditos que soube conquistar a associação a que pertence.

Os exercicios tem sido regularmente feitos quasi todas as manhãs ás 7 horas, tendo assistido a alguns d'elles o commandante dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, que justamente tem louvado a maneira como aquelles trabalhos tem sido dirigidos pelo sr. Navarro, cuja aptidão e pericia são incontestaveis. Dotado de extraordinaria força de vontade, recto e zeloso no cumprimento de todos os seus deveres, como é, não seremos precipitados se desde ja agourarmos um futuro prospero e brilhante áquella secção.

Além do sr. Navarro informam-nos que fazem parte d'aquella humanitaria phalange, os srs. Pizarro, Guedes, Diniz, Magalhães Costa, Adolpho Teixeira e outros cujos nomes ignoramos.

Encarecer a necessidade da creação d'esta secção, seria pleonasmos e portanto limitar-nos-hemos a felicitar os habitantes da Foz e muito principalmente a associação dos bombeiros voluntarios que d'esta forma nos dá mais uma prova do seu empenho em proteger quanto possivel a nossa vida e propriedade. Não vem tambem fora de proposito darmos os parabens ao sr. inspector geral dos incendios, porque este facto auxiliou-o-ha muitissimo para melhorar a secção municipal d'aquella localidade, que destôa das suas congeneres da cidade, tanto em disciplina como em proficiencia.



Bombeiros municipaes de Villa Nova de Gaya

A actual camara municipal de Villa Nova de Gaya é uma das que mais seriamente tem olhado pelo serviço dos incendios n'aquella villa, procurando quanto lh'o permittem os minguados recursos municipaes collocar a sua companhia de bombeiros nas circunstancias de poder dignamente desempenhar a importante missão que lhe está confiada. No orçamento que ultimamente foi approvedo pela junta geral do districto, e que tem de vigorar no actual anno, foram elevados os vencimentos do pessoal quasi ao dobro do que até aqui percebia, o que foi altamente justo, pois não conheciamos no paiz corporação alguma de bombeiros cuja retribuição fosse mais insignificante e mesquinha do que a que era dada aos bombeiros de Villa Nova de Gaya, onde por circunstancias especiaes da localidade não pôde deixar de haver uma companhia de incendios regularmente organisaada, e portanto tambem regularmente retribuida.

Além d'isto, a camara tambem resolveu augmentar com mais 30 homens o reduzido pessoal encarregado de fornecer agua para as machinas nas occasiões de incendio, e d'esta forma attendeu em parte a uma das maiores necessidades da sua corporação de bombeiros, pois de todos é sabido que nos grandes e temerosos incendios que n'aquella villa costumam manifestar-se, levando o susto e a afflicção ás duas povoações fronteiras, se não fôra o auxilio que vae do Porto, especialmente de aguadeiros, as machinas da villa estariam as mais das vezes inactivas, othando triste e desesperadamente para o incendio e para os seus progressos devastadores, por não terem quem lhes fornecesse o unico elemento com que se combate o terrivel inimigo—a agua.

E dizemos que remediou em parte, porque em vez de 30 homens, pena é que a camara não possa subsidiar 100, que é quantos seriam indispensaveis para que o pessoal do seu corpo de bombeiros estivesse nas circunstancias de poder de per si só, sem carencia de auxilio estranho, embora da melhor vontade prestado, debellar os incendios que se manifestarem na villa. Porém foi até onde lh'o permittiam os seus recursos, que são como já dissemos minguados, e fazendo justiça á boa vontade dos illustres vereadores actuaes, aqui lhes consignamos um merecido voto de louvor pelo muito que tem feito por uma corporação prestadia, e inteiramente indispensavel, inteiramente precisa n'aquella terra, que é o grande deposito onde está, em vinhos e aguas-ardentes, guardada uma parte importante da riqueza do paiz.

Circumscripção, pois, aos seus poucos recursos, pôde a camara attende apenas ao augmento dos vencimentos do seu pessoal e ao augmento numerico d'este: fez muito; mas a questão do material não era menos digna de ser attendida. De facto o material da companhia da villa é pouco, e sobre ser pouco, é de systema um pouco inferior ao que está em uso nas corporações de bombeiros do Porto, e se ha aqui necessidade de que o material para combater incendios seja o mais aperfeiçoado, na villa não é menor essa necessidade.

Para obviar a isto, acaba de organizar-se uma comissão de iniciativa particular, que tomou sobre si o patriotico encargo de, por meio de uma subscripção voluntaria, promovida entre os habitantes da villa e companhias de seguros, obter os meios necessarios para dotar a corporação com mais uma machina, vindo assim auxiliar a camara nos seus esforços.

Esta comissão que é composta dos srs. Eduardo da Costa Santos, commandante do corpo de bombeiros, Dr. Arthur Ferreira de Macedo, medico da mesma corporação, Antonio Joaquim Soares Gonçalves, José Joaquim Pereira, Alfredo José Ferreira, Henrique Carlos Soares Gonçalves, e Alfredo d'Almeida Lucas, já principiou os seus trabalhos, recorrendo por meio de circulares ao senso e á generosidade de quem tenha na villa capitães sujeitos á contingencia do risco de fogo.

Estamos certos que verá o seu louvavel e patriotico intento coroado do melhor resultado, devendo ser as companhias de seguros quem maior auxilio lhe deve prestar, pois que são ellas de facto as mais directamente interessadas em que as corporações destinadas a combater os incendios possuam bom material, porque quanto mais proficiente e mais rapidamente fôr debellado um sinistro d'aquella ordem, menores serão os prejuizos, e portanto menores os encargos a pagar pelas companhias seguradoras.

A bomba de que se pretende fazer aquisição, e que é de grande força e do systema mais aperfeiçoado, já se encontra no quartel do corpo de bombeiros da villa, onde pôde ser vista e examinada.

Socorro contra o fogo

Meios praticos para a extincção dos incendios e salvação de pessoas e haveres

(Continuado do n.º 23)

Fogos de soalhos e tabiques

Os fogos de soalhos dão-se a conhecer pelo calor extraordinario dos pavimentos ou ladrilhos, algumas vezes tambem pelo fumo que se escapa a travez dos intersticios do soalho.

Succede muitas vezes que as traves d'um soalho estão a arder durante algumas horas, sem que apparentemente haja incendio. Esses accidentes apresentam-se ordinariamente:

1.º Nas construcções: onde o logar do fogão não foi competentemente resguardado, assentando não sobre um estrado conveniente mas sobre as traves.

2.º Quando se estabelecem chaminés depois das construcções terminadas e onde se descuidaram de fazer os fogões altos.

3.º Quando os tubos dos caloriferos passam por debaixo dos soalhos, sem estarem sufficientemente isolados das vigas nem protegidos por mangas fundidas ou de barro.

O numero dos incendios occasionados por esses defeitos de precaução é consideravel: pôde ser calculado n'um minimo de 10 por cento do total dos sinistros.

Para proceder á extincção dos fogos de soalho, far-se-hão trazer alguns baldes d'agua e depois de levantar com o bico do machado o soalho ou o ladrilho, lançar-se-ha a agua sobre as partes incendiadas á medida que se vão descobrindo. Dever-se-ha attender principalmente em preservar as traves, as vigas de encabrestadura e as madres porque essas peças são o amparo das outras e a sua queda arrastaria a ruina d'uma parte ou da totalidade do soalho. Se uma d'essas partes já estiver consumida, far-se-ha immediatamente escorar a parte não segura.

Do que temos dicto, poder-se-ha concluir que o fogo do incendio está quasi sempre perto da chaminé e que é n'esse sitio que urge levantar o soalho se o incendio se não manifesta claramente n'outra parte.

Não é caso novo que o fumo que sahe pelas fendas do soalho provenha unicamente da chaminé sem que por baixo haja o menor incendio. N'esse caso é desnecessario levantar o soalho: é mais conveniente demolir uma parte do fogão e dos pés-direitos para vér se o tubo não apresenta fendas ou aberturas por onde o fumo se escape: tapar-se-hão essas sahidas com rodilhas humidas esperando que se possa definitivamente fechal-as com argamassa.

O cheiro do fumo e o calor, devem ajudar o bombeiro a procurar a origem do accidente e guial-o no seu trabalho.

Os fogos de tabiques tem ordinariamente por igual causa a passagem dos tubos de fogões ou caloriferos, conductores do fumo ou do calor que não estão completamente isolados das partes de madeira.

Podem tambem originar-se da falta d'espaco entre os tabiques e os muros dos fogões que lhes estão encostados.

Para apagar esses fogos, lançar-se-ha agua em abundancia sobre as partes incendiadas, para que a intensidade do calor não despegue a cal e ponha o madeiramento nu.

Quando só se tractar d'uma pequena parte de tabique, muitas vezes bastará depois de a ter molhado, desguarnecer com o bico do machado os pannos atacados e extinguir o fogo ao passo que fór apparecendo, até que se chegue ás partes ainda intactas.

Fogos de rez do chão

Os fogos de rez do chão comprehendem geralmente os fogos de lojas, officinas, armazens, laboratorios, telheiros, cocheiras e cavallariças.

O ataque d'esses incendios é facil porque o bombeiro se colloca e se move facilmente em todas as direcções e é importante porque d'elle depende ordinariamente a conservação ou a ruina de todo o edificio. Poder-se-ha esse ataque operar-se muitas vezes por tres lados ao mesmo tempo; pela via publica, pelas frazeiras e pelo andar superior. Quando o fogo ameaçar o forro do tecto ou as escadas, installar-se-ha um posto no primeiro andar, passando as mangueiras pelas janellas. Todos os esforços devem convergir para a defeza das escadas pois que estas são o unico meio de retirada para os habitantes dos andares superiores e a chaminé por onde as chaminas ganham rapidamente as partes superiores, se se produzir a menor corrente d'ar.

Estabeleça-se como principio o não embaraçar as escadas com a salvação dos moveis. Desçam-se de preferencia pelas janellas, por meio de cordas.

Como as lojas, armazens, officinas e laboratorios contém muitas vezes substancias gordorosas, rezinosas ou alcoolicas, convém que antes de ali se projectar a agua, se reconheça bem os locais e a natureza do fogo, sem o que ficar-se-ha exposto a ver crepitar as materias inflammadas e a queimar cruelmente as pessoas presentes. (Veja-se o que deixamos dicto sobre fogos de oleos, essencias e espiritos.)

Nas officinas em que se trabalhe madeira, um principio d'incendio que se declare nas apáras ou fitas pôde ser abafado cobrindo promptamente com taboas a parte incendiada.

Os telheiros, cavallariças, granjas e cocheiras dão-nos margem a outras considerações. Ao passo que se occuparem da extincção dos corpos que elles encerram, convém vigiar pela conservação dos edificios e evitar que elles se não desmorerem, e n'esse caso as columnas e as partes que seguram toda a construcção, dever-se-hão pôr fóra do alcance do fogo e reforçar-as com escoras em caso necessario. Quando isso se não possa conseguir e quando haja a receiar a queda das principaes peças da construcção, tomar-se-hão as devidas e necessarias precauções para que os homens não fiquem expostos a serem esmagados. N'es-

tas circumstancias é tudo a presença d'espírito e a intelligencia do chefe.

Ao chegar a um telheiro, a uma cavallariça ou a uma granja incendiada, é necessario fazer sahir immediatamente todas as machinas agricolas, carretas, charruas, etc., assim como o gado e as bestas de tiro que se achem nos locais onde o fogo lavra ou que a isso estejam expostos.

A maior parte dos animaes mesmo depois de soltos não deixam as cavallariças onde o incendio se declarou. Primeiro inquietam-os as chammas e atormentam-os: depois a confusão e os gritos das pessoas estranhas vão augmentar-lhes o medo, tornando-os muitas vezes maus e perigosos. Essas operações devem pois fazer-se com o maior socego, com muito pouco barulho, e tanto quanto possível pelo conductor, curador, moço ou qualquer outra pessoa que esteja familiarizada com os cavallos ou com o gado que se procura salvar.

Aos animaes bravos podem cobrir-se-lhes os olhos com cobertores ou objectos de vestuario: os touros tornam-se menos perigosos applicando-se-lhes laços aos joelhos. Convém notar que os animaes de tiro é os cavallos de sella oppõem menos resistencia, quando, antes de se levarem se lhes põem os arreios e que as cabras e os carneiros sabem de melhor vontade acompanhando os machos.

Fogos d'andares ou de quartos

O que vimos de dizer do ataque dos fogos do rez do chão applica-se em grande parte á extincção dos fogos de quarto.

Quando durante um reconhecimento o chefe se vê forçado a abrir a porta d'um local incendiado, fechal-a immediatamente e assim a conservará, até que a agua possa ser projectada, para não dar passagem ás chammas.

O primeiro serviço para esta especie de fogos faz-se sempre pela escada a menos que a isso se opponham circumstancias particulares. Muitas vezes recorre-se ás janellas mas nunca a agua é lançada do solo.

Para o serviço pelo exterior, o andar é escalado por meio de escadas e entrar-se-ha não pela janella do local incendiado, mas pela d'um quarto visinho, donde se possa combater mais livremente o incendio e retirar em caso de perigo.

Entrando directamente no local em chammas, chamam-se as labaredas e corre-se o risco de se não poder trabalhar com exito.

Se o fogo está ateiado, colloquem-se postos d'observação por cima e por baixo do seu foco, para impedir que se estenda e que principalmente invada as escadas. Estas, assim como os soalhos, tectos e portas, podem ser fortemente molhados para offerecerem menos preza ás chammas. No entanto evite-se molhar inutilmente objectos que não resistam á força ou ao contacto da agua, taes como globos, relogios, vidros, etc.

Muitas vezes é necessario, durante ou depois dos trabalhos, fazer aberturas no soalho: convém então lembrar que é debaixo do lar da chaminé que ha mais probabilidade de não encontrar traves.

Fogos de trapeiras e telhados

Varias circumstancias se reúnem para tornar diffi-

cil a extincção d'estes fogos: 1.º o ar que se introduz abundantemente pelos vãos por melhor que seja construido o telhado e por perfeito que seja o seu estado de conservação: 2.º o forro, ordinariamente de ripas e taboas delgadas, que arde rapidamente e que se presta á propagação do incendio: 3.º os soalhos, forrados de taboas ligeiras seccas e mal ajustadas que não resistem por muito tempo ás chammas, e finalmente as aguas-furtadas muitas vezes cheias de moveis velhos e outros objectos que alimentam e activam sensivelmente o fogo.

Quando o incendio está em principio o melhor é extingui-lo por meio de baldes, celhas ou bombas de mão, para não damnificar a cobertura com o impulso do jacto e não causar inutilmente prejuizos aos andares inferiores pela grande quantidade d'agua empregada. Se o fogo se estendeu já ou não consente que se lhe approxime o necessario, é opportuno o uso d'um jacto d'agua com pressão. Instalar-se-hão então no andar ou na rua bombas de compressão, ao abrigo dos corpos que poderiam desprender-se do telhado e projectar-se-ha obliquamente a agua debaixo da cobertura para que ella não tire as telhas ou as louzas.

(Continúa).

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 15 DE MARÇO

2 de março—Rua da Paz n.º 94. Propriedade de José Joaquim Guimarães que n'ella reside. O incendio declarou-se n'uma pequena casa terrea nas trazeiras do referido predio e que era destinada á arrecadação de lenhas, deteriorando-lhe o telhado e fazendo prejuizos em cerca de 50\$000 reis. Trabalhou na extincção a bomba n.º 11 que primeiro compareceu, seguindo-se-lhe a n.º 9 e a dos voluntarios com o respectivo carro de material.

O predio tinha seguro na *Indemnizadora*.

5 de março—A's 2 horas e meia da manhã. Rua do Bomjardim n.º 382 a 386, propriedade de Miguel Maia onde Antonio da Rosa & C.^a tinham o seu estabelecimento de calçado de Lisboa. O predio tinha um andar sendo a loja occupada pela officina que ficou totalmente destruida. Passando o fogo ao andar superior causou estragos no calçado que ali havia armazenado. O fogo foi combatido pela bomba dos voluntarios que primeiro compareceu com o carro de material. Tambem acudiu o pessoal e material do districto a que pertence aquelle local. Como apparecessem indicios de que o incendio não fôra casual, foram detidos os proprietarios do estabelecimento. Os prejuizos são calculados em 4:500\$000 reis tendo o estabelecimento seguro por dez contos.

15 de março—A's 2 horas da manhã. Villa Nova de Gaya. Rua Direita n.º 339 e 341. Propriedade de Caetano Pinho da Silva, habitada por José Maria de Andrade ali estabelecido com uma padaria. A violencia do incendio destruiu toda a casa fazendo desabar a frontaria. Ignora-se a causa do incendio que fez prejuizos em cerca de 2:000\$000 de reis. A padaria es-

tava segura em 1:500\$000 reis tendo o predio tambem seguro. Na extincção trabalharam a bomba da villa, a dos voluntarios, a primeira que da cidade compareceu, e a municipal do Porto n.º 4.

Correspondencia

Lisboa, 13 de Março de 1881

(Do nosso correspondente)

Emquanto que Lisboa vocifera contra uns janisaros que habitualmente e todos os dias lhe applicam uma dôse de pranchadas, vou mandar duas noticias para o *Bombeiro Portuguez*.

— Durante a quinzena houve n'esta cidade dous incendios de trabalho: o primeiro n'uma loja de mercaria da rua do Assento n.º 2, em Alcantara, na madrugada de 2 do corrente e o segundo no Tejo a bordo do cahique *Bom Jesus*, pelas 9 horas da manhã do dia 4. Eis como o *Diario de Noticias*, sempre bem informado narra circumstanciadamente o sinistro, que não é muito vulgar no nosso porto:

A's 9 horas da manhã ouviram-se apitos na rua do Duque da Terceira, e logo dois guardas da alfandega se dirigiram á estação da bomba n.º 1 a pedir soccorro, porque se manifestára incendio na saccaria de enxofre, que estava no porão do cahique *Bom Jesus*, o qual içára já o signal de soccorro. Os tripulantes tinham descoberto o fogo na occasião em que arrumavam as ultimas saccas á ré, e içando o dito signal fugiram da embarcação na fragata, que lhes levava o carregamento e ainda se achava allí atracada.

Os soccorros de terra, que chegaram com rapidez á muralha do atterro, não poderam logo embarcar por causa da maré, e assim, a primeira bomba que chegou ao hiate foi a da canhoeira *Quanza*, com um furriel e dez praças, tendo ido chamal-a o guarda de 1.ª classe Francisco Antonio, que andava na ronda do rio, no escaler de vapor n.º 3 da alfandega, seguindo-se-lhe um escaler da mesma alfandega com uma bomba e pessoal; e os escaleres do couraçado *Vasco da Gama*, indo tambem os carpinteiros d'este navio, da corveta *Estephania* e *Mindello*, do transporte *India*, e do arsenal de marinha o rebocador *Operario* com uma bomba e pessoal.

Poucos minutos depois conseguiram embarcar no Aterro a bomba 17 com grande numero de bombeiros e serventes; os ajudantes srs. Lapa e Conceição, e fiscal do material sr. Brandão, e alguns membros da associação de ambulancia.

O incendio foi atacado com energia, tanto pelo pessoal da alfandega e do arsenal, como pelos marinheiros, sobressahindo o furriel da *Quanza*, e pelos bombeiros, a ponto de ficar cheio de agua o cahique, e d'este modo é que combateram e dominaram o fogo, não sem ficarem n'aquella faina quasi todos os combatentes incommodados com o fumo do enxofre, havendo tambem dois ferimentos leves, no bombeiro 98 e no marinheiro 29, da 4.ª companhia.

Durante o ataque foram egualmente utilizados os

serviços dos bombeiros voluntarios e respectivo material de Lisboa e Belem.

Os trabalhos duraram até ás 3 horas da tarde. O cahique ficou muito damnificado, porque além dos rombos, que lhe fizeram no convés para metter as agulhetas das bombas, teve queimadas as anteparas de ré. Estava seguro em dois contos de reis na companhia Douro, e tinha a bordo 846 saccos de enxofre para o sr. Antonio João Pereira, de S. Martinho do Porto, e que deviam ser empregadas em serviço agricola. Esta saccaria ficou perdida.

O cahique *Bom Jesus* era propriedade dos srs. Joaquim Soares Marmelada e José Fernandes Preceito, da praça do Porto.

Estiveram presentes o capitão do porto, sr. Joaquim José de Barros, capitão de mar e guerra; 2.º tenente Ferreira; chefe da 1.ª repartição da alfandega, dr. conselheiro Azevedo; chefe da fiscalisação do porto, sr. Rapozo de Carvalho; fiscal do rio e ancoradouro, sr. Silvestre Villas, e outros.

O sr. inspector geral dos incendios, quando lhe communicaram a noticia d'este fogo, ordenou que prestassem sem demora, pela repartição que dirige, todo o auxilio, e foi depois ao Aterro informar-se dos soccorros embarcados.

Emquanto duraram os trabalhos da extincção do incendio, agrupavam-se ao longo do Aterro innumeradas pessoas, o sr. commissario de policia, segundo commandante da guarda municipal, um piquete de cavallaria e outro de infantaria da mesma guarda.

— Vão ser collocadas no matadouro d'esta cidade quatro bocas de incendio.

— O pessoal da associação Serviço voluntario de ambulancias em incendios, nos mezés de janeiro e fevereiro, compareceu em nove incendios. No 1.º, na rua de S. Bento (fabrica de archotes) os voluntarios de saude n.º 1 o sr. Pedro Carlos Costa e n.º 3 o sr. Francisco das Neves Cabral fizeram um curativo a um individuo que, caindo de um telheiro, deslocou um dedo, e no 8.º, na travessa da Assumpção, o voluntario n.º 14, o sr. A. Pimenta Rodrigues, applicou o competente tratamento a um bombeiro que se se queimou na mão direita. Nos outros não tiveram serviço.

C.

Varias Noticias

O corpo de bombeiros municipaes de Braga vae principiar a exercitar-se n'uma nova tactica que os seus maiores andam ha tempos a estudar.

Em Elvas, n'um baile de mascaras, o sr. José de Jesus Silva Miranda teve o bom gosto de se apresentar com o costume de bombeiro voluntario!

Como ha tempos noticiáramos, reabriu-se no domingo, 13 do corrente, na nave central do Palacio de Crystal o basar de prendas que promoveu a Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto em beneficio do seu cofre e que se interrompera em outubro passado.

O basar contém ainda muitos e valiosos objectos, como quadros, vinhos, pannos, calçado, louças, etc., e promete ainda produzir uma boa receita.

No domingo tocou n'aquelle recinto a banda da corporação e a concorrência apesar do dia chuvoso e carrancudo foi numerosa, produzindo o leilão 98\$935 reis.

Na proxima 5.^a feira, 17 do corrente, continuar-se-ha o leilão, abrindo a praça ás 3 horas e meia da tarde e fechando ás 8 horas. Na nave central haverá tambem musica e patinação o que tambem será um incentivo para a concorrência.

*

* *

Já foi encommendada para Leipzig, ao fabricante G. Jauck, uma bomba aspirante (systema duplo), egual á que possui a Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade e que é destinada para a secção que esta brigada vae estabelecer em S. João da Foz e de que detidamente nos occupamos n'outro lugar d'esta folha.

Incendios no estrangeiro

Os celebres armazens do Printemps em Pariz, foram no dia 9, presos das chammas. O interior abateu e as paredes mestras ameaçavam desabar. Ficaram feridas vinte e seis pessoas algumas d'ellas muito gravemente. A violencia e rapidez com que se desenvolveu o incendio não permittiu que se salvasse cousa alguma, salvando-se quasi a custo já, o proprietario mr. Yaluzot a mulher e os empregados. Julga-se que o incendio foi motivado pela imprudencia d'um varredor. As perdas totaes são avaliadas em nove milhões de francos (1:620:000\$000 reis) e estão garantidas por varias companhias de seguros. Mr. Yaluzot declarou que em 1882 abria de novamente o seu estabelecimento.

No dia 11 verificaram-se as exequias do bombeiro Avauz victima dos ferimentos que gloriosamente recebeu na extincção. O povo de Pariz, que idolatra os seus bombeiros, tomou parte no cortejo acompanhando-o em grande numero e cobrindo o feretro de flôres e coroas: aos funeraes assistiram todas as auctoridades civis e militares e o governo fez-se representar por um seu delegado. No cemiterio houve algumas allocuções.

Quando mr. Yaluzot que presidia ao cortejo ia a tomar a palavra, a commoção que o dominava provocou-lhe uma syncope.

*

* *

Um incendio destruiu o salão de concertos de Worcester. Os artistas ficaram sem os seus instrumen-

tos. O maior prejuizo causado por esse sinistro é a perda do orgão que custou cêrca de 175:000 francos.

Chronica Quinzenal

Como constasse que em uma das noites da semana finda andava pelas ruas d'esta cidade burgueza, a hydra da revolução, o major commandante da guarda municipal, n'um excesso de arreganho marcial, montou o seu cavallo e bateu ruas e praças, n'uma correria energica, para matar a hydra mencionada.

Houve panico nas familias; não se tomou o chá em socego, espreitava-se ás janellas com uma enorme curiosidade, a ver se nas ruas corria sangue!

Crusavam-se patrulhas em todas as direcções; os policias, encaravam cada transeunte, na duvida de que fosse um conspirador ou um simples sujeito que tanto se lhe dá que a coisa caminhe para a direita como para a esquerda, e os cavallarias, fogosos, como os cavallos, trotavam, cheios d'ardor marcial, em procura do inimigo.

O inimigo... era uma banda de musica, pouco correctea e nada respeitadora da nota, que bufava um hymno qualquer, seguida por alguns populares, que manifestavam, do modo mais innocente possivel, a sua opinião sobre a politica do paiz.

Pois, essa pobre musica, chegou a fazer tremer a monarchia! Em verdade se poderia diser, que essa era a musica do futuro. Soprava, com o hymno, uma manifestação revolucionaria. E a revolução é o futuro.

A hydra... não fez das suas. Ella é pacata, burgueza, amiga das suas conveniencias. Se sae á rua, em tempo de chuva, previne-se com uns agasalhos... e umas galochas. E' conservadora, toma chá, resa, e deita-se ao escurecer.

E' uma hydra honrada, boa pessoa, que cede ao primeiro pedido que se lhe faça. Pelos modos, o sr. commandante da guarda municipal escreveu-lhe um bilhete, e a hydra, recolheu-se. Coitada, é condescendente.

Houve, porém, suspeitas de que a hydra, instigada, pretendia levar a sua por deante, por occasião da assembleia geral do centro republicano. Como prevenção, ficaram as tropas nos quartéis. No centro, discutiu-se, mas em socego. A hydra ficou em casa, a jogar a bisca na grande despreoccupação de quem vive sem canceiras.

Podem estar descansados, senhores. A hydra da demagogia soffre de reumathismo; tem as pernas affectadas, custa-lhe a andar, não sae de casa. Se, porém, se resolver um dia a apparecer, faz um fornecimento de petroleo, fricciona se, e depois não será facil contel-a!

Por emquanto, não vale estremecer. A coisa não é para isso.

*

* *

Triumphou o nihilismo. O nihilismo e'a dinamite. Um telegramma de S. Petersburgo, com data de 13, noticiou a morte do czar da Russia, o velho autocrata

moscovita, que tanto e tão insistentemente opprimiu o seu povo, em nome d'umas tradições que hoje não podem inspirar respeito.

A' historia passa agora o monarcha russo; ella o julgará, conforme a justiça manda.

O nihilismo conseguiu o seu fim. E conseguindo-o, obterá o que deseja?...

E' de crer, porque a lição foi tremenda. O czarowitch, dizem, não professa os principios autocratas de seu pae; subleou-se até contra elles, o que lhe valeu ser preso e vigiado.

O povo russo vive, effectivamente, sob um jugo impossivel de admitir-se, enquanto elle, o desgraçado, se arrasta nos braços d'uma existencia miseravel, os grandes brilham nas suas ostentações doiradas, orgulhosos, soberbos, como se para elles só é que a existencia foi creada.

Esta desigualdade produziu o desespero. A tirania accendeu-a: as vinganças causaram a explosão. A vasta seita dos nihilistas luctou como um gigante: cobrava alentos em cada contrariedade, apparecia mais forte quando a reputavam cansada.

O que ella fez, sabem-o todos. O que ella conseguiu, disemol-o nós agora.

Ignoram-se pormenores do attentado. Sabe-se á hora a que esta revista é escripta, que duas bombas de dinamite, atiradas ao carro do imperador, produziram a morte do autocrata.

Se nos fosse dado ver a travez do futuro, que scenas se não desenrolariam deante de nós! Como nós veriamos, pallidos e trémulos, os reis, ao saberem do modo fatal como acabou o velho monarcha moscovita!

A Europa agita-se n'uma convulsão revolucionaria. Os espiritos preparam-se para uma lucta que ha-de transformar completamente a face das sociedades actuaes. Aberta essa lucta, os reis serão os primeiros a sentir as consequências d'ella, e essa lucta, tanto almejada, póde, com o facto que narramos, declarar-se já.

E' vasta, forte, unida, persistente, a seita nihilista. Não é só na Russia que ella existe; em toda a parte ha nihilistas, porque em toda a parte ha opprimidos, e estes seduzidos pelo triumpho que acaba de obter-se, podem sublevar-se tambem, com o ardor de quem espera vencer.

A hora vae alta, vae, e não levará muito que soe por toda a Europa.

*
* *

Esta é a quinzena dos acontecimentos. Como se a hydra da demagogia e a morte do czar não bastassem para esta chronica, temos ainda hydra—a da reacção, uma hydra meliflua, que se anichou em S. Bento da Victoria, sob a muito poderosa protecção do senhor padre Couto, prelado domestico de sua santidade, director espirital das Filhas de Maria, e futuro santo do calendario romano.

Aquella igreja de S. Bento é um antro de immoralidade. Palavra d'honra, que é. Uns padres imbecis, vasos de fé e senso commum, embrutecem uns pobres diabos de ignorantes, que vão ouvil-os, como se escutassem um oraculo.

Vasos de fé, dissemos, porque essa padraria idiota, o que pretende é arranjar patrimonios com que satisfaça a sua vaidade.

S. Bento da Victoria é um templo, que melhor se poderia chamar uma agência de casamentos, um es-

criptorio de testamentos, uma pocilga onde muita creança deixa o vigor da juventude, e não poucas mulheres perdem a sua honra.

Aquelles padres, d'apparencia simples, são uns velhaços, cheios de vicios, sedentos de amor e ouro. E ha paes, irmãos e maridos que lhes confiam as mulheres.

Na tarde de domingo, (13) um dos da confraria, disse do pulpito taes improperios, que no templo levantou-se immediatamente grande agitação. Em pleno templo distribuiu-se bordoadas; houve cabeças partidas, braços desmanchados. Uma profanação.

Para se evitarem estes conflictos, seria prudente que a auctoridade ecclesiastica amordassace os taes reverendos, obrigando-os a ser convenientes, sob pena de suspensão. A disciplina da igreja não póde consentir os abusos d'esses hypocritas indecentes, que maculam, com as suas mãos torpes, a pureza da hostia do sacrario.

Christo expulsou os vendilhões com um azorrague, expulsemol-os nós com um chicote.

Sendo feito assim, prestamos um serviço á religião e á sociedade.

Fóra, com os imbusteiros!

*
* *

A companhia do theatro de D. Maria veio dar tres recitas ao theatro Principe Real. As peças que escolheu foram—*Um drama novo*, de Estebanez, *A mantilha de renda*, de Fernando Caldeira, *Kean*, de Dumas, pae, e *A Estrangeira*, de Dumas, filho.

Um drama novo, é uma peça bem architectada. Póde a critica esmerilhar defeitos, mas é certo que Estebanez é um profundo psychologista, um escriptor que vê e sente, para transmitir depois aos outros esse sentimento. São velhas as molas adoptadas, velho o processo, velha a these? Pouco importa. A verdade não se sacrifica a *tirades* declamatorias; para que o publico applauda, nem sempre se empregam as estafadas *ficelles* convencionaes.

A these do drama é o adulterio. Se disserem que Estebanez não tractou este assumpto com o rigor d'um philosopho, concordamos. Apontado o erro, necessario era aconselhar o remedio. No drama de que fallamos, o seductor morre ás mãos do marido offendido, quando ambos, na sua qualidade de actores, representam uma scena, em tudo similhante á que representavam na scena da vida. Ora, com certeza a honra do homem e da mulher não se purificam por este processo.

Como obra dramatica, *Um drama novo*, merece especial menção; e tem-a, apesar de tudo que em contrario se affirme.

O desempenho é correctissimo. Brazão, alcançou mais um triumpho. Não se póde ser mais correcto, mais consciencioso. Admiravel.

João Rosa, um artista distinctissimo, e Augusto Rosa, outro artista notavel, disseram irreprehensivelmente os seus papeis.

Antunes, secundou intelligentemente os seus collegas, desempenhando-se com proficiencia do seu papel, de bastante responsabilidade.

Virginia, a adoravel ingenua do nosso theatro, conduziu-se perfeitamente, dizendo o seu papel com uma grande comprehensão.

A Mantilha de Renda, é um *bijou*, deixem-nos em

pregar este substantivo pueril. Fernando Caldeira é um talento brilhante, affirmado na tribuna e na imprensa d'um modo verdadeiramente notavel. A sua *Mantilha*, é uma perola litteraria; tem scenas formosissimas, conceitos admiraveis, *verve*, a purissima *verve* dos espiritos superiores e cultos.

O desempenho que lhe deram Virginia, Rosa Damasceno, Augusto Rosa e Brasão, é primoroso, completo.

No *Kean*, Brasão colheu uma justissima ovação. O distinctissimo actor houve-se brilhantemente, interpretando com um rigor notavel o papel de *Kean*, o grande tragico inglez, aquelle incomprehensivel temperamento, aquelle mixto de sombra e luz.

A scena da taberna é magistral. A recitação do monologo do Hamlet, é d'artista consummado.

A. Rosa, no seu papel de principe de Galles, foi um verdadeiro principe, pelo porte magestoso, pela dignidade da apresentação.

Virginia, (miss Anna) e Falco (Helena) excellentemente.

A companhia despediu-se com a *Estrangeira*, drama de Dumas, filho.

A *Estrangeira* é uma peça d'arte, soberba, que moralisa, que adverte. Tracta dos casamentos por conveniencia; vae, pois, direito ao divorcio, occupando-se da mulher, da mulher que é condemnada, se faltar aos deveres de esposa, porque o marido contribuiu para o ultraje, e que fica deshonrada e perdida, porque a sociedade, censurando-a, não lhe aponta o meio de reabilitar-se.

Falco, pela sua especial organização, não pôde vencer as difficuldades do seu papel. Ainda assim, ninguém o diria melhor.

Virginia, adoravel, como sempre.

Augusto Rosa, Pinto de Campos, Baptista Machado, Antunes e Joaquim d'Almeida, houveram se com toda a maestria e distincção.

Nas tres noites, o theatro esteve completamente cheio de espectadores, não faltando applausos aos insignes artistas da companhia.

Ainda bem que assim succedeu.

*
*
*

Activam-se os ensaios no theatro do Principe Real para a representação da opera comica, letra de Chivot e Duru e musica de Hervé O Doutor Piccolo (*Le Pompon*).

A distribuição dos papeis foi feita pela seguinte fórma:

Piccolo, Manzoni; *Fioretta*, Thomazia Velloso; *Hortensia*, Carmen; *Beatriz*, Delmira Mendes; *O vice-rei*, Gama; *Castorini*, Diniz; *Barabino*, Foito; *Bastroco*, Amaral; *O Podestá*, Santos. Dar-se-ha em beneficio da aprecia vel cantora Iréne Manzoni.

Para beneficio do actor Amaral um dos caracteres mais estimaveis e um dos artistas mais conscienciosos que conhecemos, representar-se-ha no dia 30 do corrente, a comedia vertida do hespanhol por Rebello da Silva, *As redes do governo*.

Para estreia de Frederico Curonisy, que ahi vimos ultimamente fazer com geral applauso a parte de *Seguidilha* no *Processo do Rasga* e que acaba de ser escripturado para a companhia que funciona n'este theatro, está em ensaios a opereta em um acto, *O dia de Juizo*.

Ao que nos dizem está tambem escripturada a actriz Helena Balsemão.

*
*
*

No theatro Baquet estreia-se no sabbado a companhia dramatica dirigida pela actriz Emilia Adelaide, um bom talento brilhantemente affirmado nos palcos portuguezes e brazileiros.

Emilia Adelaide trouxe as actrizes Palmira e Maria Carolina e os actores Alvaro, Pires e Luciano. Da primeira, sabemos que é um talento em flor, que ha-de desabrochar ao calor da protecção do publico; Alvaro, Pires e Luciano são já actores conhecidos e justamente apreciados pelos seus merecimentos.

A peça escolhida é a *Thereza Raquin*, de Zola, um drama realista, e como tal apreciado pelos criticos das diversas escolas litterarias que actualmente se pleiteiam foros de superioridade.

Fiamos que o publico apreciador da arte concorrerá aos espectaculos da companhia de Emilia Adelaide affirmando assim a sua illustração e coroando de exito favoravel os esforços d'uma empresa que vem se pôde dizer arrojada em tempos tão adversos á arte como os que vão correndo.

Em beneficio do malogrado actor Soller, vae dar-se um beneficio n'este theatro promovido por um grupo d'amigos do talentoso artista. No espectaculo tomam parte os actores Taborda e Apollinario d'Azevedo e a actriz Emilia Adelaide.

A parte dramatica será desempenhada pela benemerita associação de amadores—Luz e Auxilio.

A orchestra será composta dos mais distinctos professores d'esta cidade.

A casa, scenario e adereços foram gratuitamente offerecidos pelo sr. Joaquim Ferreira da Costa Guimarães.

O photographo sr. Sousa Reis offereceu numerosos retratos photographicos do beneficiado, para serem distribuidos n'aquella noite.

Tudo nos faz suppor que o espectaculo será digno do beneficiado que colherá d'elle o resultado que os seus tantos e bons amigos desejam.

*
*
*

No theatro da Trindade representou-se o *Capitão traga-ballos* em beneficio do estimado auctor—actor, Jayme Venancio, que recebeu do numero publico que assistiu ao espectaculo, todas as provas do conceito e sympathia que lhe merece o popular actor.

Os espectaculos d'aquella casa continuam a ser muito concorridos.

*
*
*

Nas Variedades tem-se repetido os espectaculos que já annunciamos. Activam-se os ensaios do *Fausto* que brevemente se representará.

Março 14.

F.